

## NÚCLEOS DE APOIO À SAÚDE DA FAMÍLIA E A PROMOÇÃO DAS ATIVIDADES FÍSICAS NO BRASIL: DE ONDE VIEMOS, ONDE ESTAMOS E PARA ONDE VAMOS

A atenção primária em Saúde Pública no Brasil evoluiu nos últimos 19 anos, principalmente após a implementação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1990, que quebrou um paradigma totalmente voltado para a reabilitação, iniciando um sistema único, público, com participação e controle social, preconizando os princípios de universalidade, equidade e integralidade. O SUS é uma das maiores políticas públicas de saúde que este país já teve, principalmente pelo grande avanço que trouxe na atenção básica. Um dos marcos desta evolução foi o início da Estratégia de Saúde da Família (ESF) em 1994. A ESF teve embasamento no Programa de Agentes Comunitários de Saúde iniciado nos municípios da região Nordeste em 1991. A grande inovação da ESF foi focar principalmente a família e não o indivíduo, além do raciocínio baseado nas análises das situações regionais/locais levando-se em conta o ambiente onde as pessoas vivem para organizar os serviços de promoção da saúde. Ao longo dos últimos 14 anos foram muitas as discussões e elaborações de documentos importantes para o Campo da Saúde Pública e para a área de Atividade Física e Saúde. Dentre estes, destacamos a Política Nacional de Promoção da Saúde publicada em 2006 pelo Ministério da Saúde. Este documento argumenta que a prática de atividades físicas é uma variável importante para o desenvolvimento humano e direciona um capítulo somente para a promoção desta no âmbito da atenção básica. Junto com estas discussões e com o objetivo de se aproximar de forma efetiva dos princípios de universalidade, equidade e integralidade, melhorar o atendimento na atenção básica na ESF e auxiliar na

Política Nacional de Promoção da Saúde, foram criados os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) pela portaria 154 de 24 de janeiro de 2008. Os NASF vieram para contribuir com as equipes de ESF, tendo como preceito básico um trabalho interdisciplinar e de matriciamento, respeitando e atuando de acordo com as peculiaridades regionais para se ter uma promoção da saúde mais eficiente, com profissões e áreas que até então não eram contempladas no âmbito das equipes de ESF. A promoção das atividades físicas faz parte destas estratégias e o Profissional de Educação Física foi reconhecido como importante e integrante deste processo, compondo os profissionais que podem ser vinculados às equipes de NASF. Portanto, viemos de um sistema avançado que, apesar de ter atingido a maioria recentemente (19 anos), já trouxe grandes mudanças na atenção básica em Saúde Pública no Brasil. Porém, onde estamos e para onde vamos? No convívio como professor e pesquisador do campo da Saúde Pública que acompanhou a implementação e que hoje está trabalhando com pesquisas junto aos NASF, ouço frequentemente indagações como: O que são e para que servem os NASF? De que forma os NASF podem contribuir junto com as ESF para a promoção da saúde da população? Os NASF estão realizando ações interdisciplinares? Os NASF estão fazendo matriciamento? É natural que tudo o que é novo provoque muitas dúvidas e incertezas, crises, adaptações e aprendizagens. Problemas surgem, e o principal deles, no meu ponto de vista, é uma quebra do paradigma do atendimento individual para as propostas de ações coletivas. Neste caso, os problemas podem estar

nos próprios profissionais que estão compondo as equipes dos NASF, os quais tem dificuldades para realizar trabalhos interdisciplinares e de ações coletivas, mas também nas próprias Unidades Básicas de Saúde das regiões onde as equipes de NASF vão atuar, pois os profissionais que já atuam nas mesmas muitas vezes esperam mais um profissional para atendimento individual, o que sai fora do contexto coletivo. Outro problema tão grave quanto é quando algumas coordenações não entendem e não lideram as equipes de NASF para um trabalho interdisciplinar de promoção da saúde, o que certamente pode levá-las para o abismo. As equipes de NASF não chegaram para suprir necessidades individuais de falta de profissionais nas Unidades Básicas de Saúde e os profissionais que compõe estas equipes devem ter embasamento para trabalhos coletivos e, muitas vezes, mesmo na ausência de conhecimento para trabalhos coletivos, deve-se ter desejo de aprender e coragem em mudar suas atuações. Sem contar nos coordenadores, que devem ser os grandes líderes deste processo de mudança e atuação. Passada esta fase de formação de uma boa equipe, os problemas referentes as ações e procedimentos deste tipo de trabalho interdisciplinar são fatos presentes. Questões como padrões de cobrança de produtividade que não servem diretamente para os NASF, a insistência na ênfase em trabalhos individuais em detrimento aos trabalhos coletivos, a falta de estratégias para atuação no âmbito coletivo e de sistemas de avaliação adequados para mensurar resultados, podem nos levar para um futuro incerto. Por exemplo, imaginem o conflito que as equipes de NASF da categoria 1 que vão atuar junto com oito a 20 equipes de ESF enfrentam com a seguinte questão: Como promover atividades físicas

num contexto de oito a 20 mil famílias ou de 12 a 80 mil pessoas aproximadamente? Pergunta nada fácil de ser respondida no nosso atual estágio de conhecimento. Obviamente que para isto precisamos de investimentos em pesquisas no âmbito do SUS/ESF/NASF testando intervenções para este tipo de promoção. Além disso, precisamos de mudanças na formação dos profissionais da área de atividade física, os quais devem ser mais bem preparados para atuar neste novo contexto. Novas formações na graduação, os cursos de residência multiprofissional no âmbito do SUS/ESF/NASF e novos cursos de pós-graduação nesta área também são muito importantes. Um momento relevante para a troca de idéias e experiências neste sentido será o 7º Congresso Brasileiro de Atividade Física e Saúde que terá como tema central a “Atividade Física no Sistema Único de Saúde: da Atenção Básica às Ações Intersetoriais”. Assim como aconteceu com a evolução das equipes de ESF, acredito que se as equipes de NASF tiverem profissionais bem formados e conscientes realizando trabalhos interdisciplinares e com ações coletivas embasadas em pesquisas, poderemos contribuir para um futuro que todos sonham: pessoas mais ativas fisicamente, pessoas mais saudáveis e mais felizes.

**Alex Antonio Florindo**  
Editor Associado da RBAFS